



MODELOS, ESQUEMAS E CIRCUITOS: BREVE PERCURSO PELO ATO DE COMUNICAÇÃO VERBAL

Data de recebimento: 23/04/2017

Aceite: 05/06/2017

Rafael Barreto do PRADO¹ (USP)

Resumo: Neste artigo pretendemos apresentar alguns esquemas (representações ilustrativas de modelos) do ato verbal de comunicação, a fim de estabelecer relações comparativas, entre eles, quanto aos elementos constitutivos e quanto às supostas influências decorrentes do modelo anterior para o posterior. As semelhanças ora se apresentam marcadas explicitamente por citações; ora implicitamente, dada a configuração do mecanismo comunicativo. Nossa motivação inicial se deu ao perceber alguma semelhança entre as propostas de Pêcheux (1969) e Pottier (1985) com a clássica representação figurativa das “funções da linguagem” de Jakobson (1960). Após a descrição e análise, procuramos apontar uma série de “princípios”, ou seja, aspectos essenciais que orientam tais esquemas.

Palavras-chave: Historiografia. Linguística. Ato de comunicação verbal. Produção e Circulação do Conhecimento.

Abstract: This paper discusses some verbal communication act schemes, establishing comparative relations between them. The schemes are presented in a diachronic order, stressing the way in which the earlier marked the later ones. The analysis emphasizes the constitutive elements and conditions used by each author to establish that a communication act occurred in a given process. The resemblances appear implicitly or explicitly, according to the communicative mechanism configuration. Such analysis was suggested by the similarity between Pêcheux and Pottier’s proposals and Jakobson’s classic figurative representations of the “language functions”. In conclusion, we propose a series of ‘principles’, understood as essential aspects, that orient such schemes.

Keywords: Historiography. Linguistics. Act of verbal communication. Production and Circulation of Knowledge..

1. Introdução

Tomaremos, como objeto deste trabalho, representações esquemáticas do “ato de comunicação verbal”. Nomear assim já define um lugar: essa é a nomenclatura utilizada por Roman Jakobson. Foi pela grande circulação de seu modelo, fortemente impresso em nossa memória, dada a frequência de debate motivado pelas suas propostas, que nos lançamos em

¹ Doutor em Letras. USP - Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa. São Paulo, SP – Brasil. 05508-080. E-mail: rafaelbprado@usp.br.



uma empreitada historiográfica. Talvez, tal modelo seja o de maior divulgação nos meios acadêmicos (ou pelo menos do qual não se poderia não saber ao se passar pelos estudos linguísticos), por sua centralidade nas teorizações quanto às funções da linguagem e, em menor escala, pela discussão enquanto elementos invariáveis da comunicação.

Foi por notar semelhanças com outros autores que procuramos investigar em que medida se deriva de um para outro sistema (ou esquema) ou ainda se há uma discussão declarada entre as formulações. Tal semelhança foi notada em esquemas propostos por Michel Pêcheux e Bernard Pottier, autores cujas obras têm nos auxiliado em muitos estudos com objetivo diverso deste trabalho.

Ao iniciar a comparação, pensamos ser necessário ampliar nossa amostragem, incluindo outros autores, visto termos encontrado algumas referências nos próprios textos ou em outros com uma proposta semelhante à nossa². Assim, para definirmos o *corpus* levamos em conta nossa primeira hipótese de haver alguma relação entre Pêcheux, Pottier e Jakobson. Ao iniciarmos a leitura do último, encontramos citações de Bühler e Shannon. Por fim, nos pareceu necessário, então, dada a ampliação, voltar ao fundador dos modernos estudos da linguagem: Saussure. Definido, então, o *corpus*, montamos o seguinte quadro, tendo como fio condutor a cronologia das publicações dos textos em que se encontram as representações de sistemas comunicativos.

AUTOR	TEXTOS	DADOS BIOG.
Ferdinand Saussure	“Objeto da Linguística” <i>Cours de linguistique Générale</i> (1916)	(1857-1913) Suíça
Karl Bühler	“Die Axiomatik der Sprachwissenschaft” (1933)	(1879-1963) Alemanha-EUA
Claude E. Shannon	“A Mathematical Theory of Communication” (1948)	(1916-2001) EUA
Roman Jakobson	“Linguística e Poética” (1960)	(1896-1982) Rússia-EUA
Michel Pêcheux	“Análise Automática do Discurso” (1969)	(1938-1983) França
Bernard Pottier	“La communication linguistique” <i>Linguistique Générale</i> (1985)	(1924-) França

² Cf. SAMPAIO, Inês Sílvia Vitorino. Conceitos e Modelos da Comunicação. Em: Ciberlegenda. Rio de Janeiro: UFF, Programa de Pós-Graduação em Comunicação. N. 5, 2001. A preocupação do texto é em relação às teorizações a respeito do que é a comunicação, se é disputa, transporte, seleção etc.

Embora nosso ponto de partida tendo sido a percepção das semelhanças de outras propostas com a de Roman Jakobson, iniciaremos as descrições a partir de Saussure e depois abordaremos Bühler e Shannon via Jakobson, em seguida Pêcheux e Pottier. Essa ordem segue uma linha cronológica, pois nos pareceu um percurso mais linear e didático.

2. Ferdinand Saussure

No *Curso de Linguística Geral* (1916), o autor procurou definir no capítulo III qual é o objeto da Linguística. Para isso, Saussure³ decidiu (ou precisou) definir o “Lugar da língua nos fatos da linguagem” (segundo tópico do referido capítulo). Apresenta então a seguinte figura, nomeando-a de “circuito da fala”.



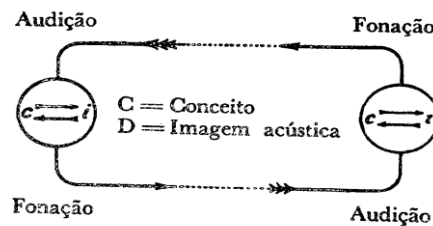
Figura 1 "Circuito da fala", 1916. (SAUSSURE, 1977:19)

A figura mostra duas pessoas, o fluxo do ato é bidirecional e há pontos marcando o cérebro e o ouvido. Saussure descreve tal circuito indicando que tipo de processo e/ou fenômeno ocorre:

i. Um conceito suscita no cérebro de A uma determinada imagem acústica: “fenômeno psíquico”; ii. O cérebro transmite um comando (“impulso”) relativo ao conceito aos órgãos do aparelho fonador: “processo fisiológico”; iii. A boca emite o som que se propaga pelo ar até o ouvido de B: “processo físico”; iv. A recepção de B segue o circuito inversamente: físico, fisiológico e psíquico.

Em seguida, o autor mostra outra representação, dessa vez mais esquemática, na qual destaca a relação entre “C = conceito” e “D = imagem acústica”, basicamente a ideia de signo linguístico.

³ Tomaremos a figura de Saussure como autor por questões didáticas e de fluidez textual, mas entendemos que a questão mereceria mais rigor e debate, por ora nosso foco é outro.



(Figura 2 "Circuito da fala", 1916. (SAUSSURE, 1977: 20).

A figura acima apresenta uma configuração mais matemática, no sentido de mostrar um circuito enquanto esquema de circularidade, bidirecional e ininterrupto (o que sugere também a origem da palavra, conceito, e sua manifestação, imagem acústica).

No entanto, as descrições empreendidas pelo autor ainda não são suficientes, em suas palavras “cumpre acrescentar uma faculdade de associação e de coordenação (...)”, para entender melhor o papel dessa faculdade “impõe-se” analisar o “fato social”: “(...) todos reproduzirão – não exatamente, sem dúvida, mas aproximadamente – os mesmos signos unidos aos mesmos conceitos”. (SAUSSURE, 1977: 21).

Dessa forma, ao propor uma representação para o “circuito da fala”, o autor estabelece relações complementares internas e externas que agem sobre o falante. Nos limites do indivíduo está a “parole” e nos limites sociais a “langue”, daquela o indivíduo é sempre senhor e a esta se submete.

3. Roman Jakobson

No texto “Linguística e Poética” (1960), são solicitadas, a Jakobson, “observações sumárias acerca da Poética em sua relação com a Linguística” (p.118). Para executar tal solicitação, o autor localiza o lugar da Poética como parte integrante da Linguística, já que esta é “a ciência global da estrutura verbal” (p.119). Nesse texto ainda, o autor procede a uma análise para verificar as diferenças e semelhanças entre Poética e Linguística, apesar de uma estar contida na outra.

O que ponto que mais nos interessa nesse momento é a afirmação de que “a linguagem deve ser estudada em toda a variedade de suas funções. Antes de discutir a função poética, devemos definir-lhe o lugar entre outras funções da linguagem” (p.122). Segue abaixo a figura correspondente:

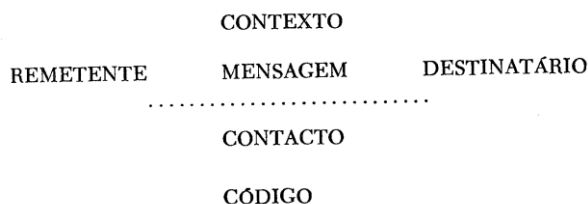


Figura 3 "Ato de comunicação verbal", 1960. (JAKOBSON, 1974:123).

Nota-se que, como Saussure, o foco de Jakobson não era discutir o sistema comunicativo em si, no entanto precisou passar por ele para explicar os fundamentos da função poética. Descreve o sistema da seguinte maneira:

i. O “remetente” envia uma “mensagem” ao “destinatário”; ii. A “mensagem” requer um “contexto” para ser eficaz; iii. Deve haver entre o “remetente” e o “destinatário” a mediação através de um “código” comum a ambos; iv. Por fim, são necessários um “contato” entre ambos, um “canal físico” e uma “conexão psicológica”.

A cada um desses elementos, chamados pelo autor de “fatores”, corresponde “uma função da linguagem” (Remetente/Emotiva; Destinatário/Conativa; Contexto/Referencial; Mensagem/Poética; Canal/Fática; Código/Metalinguística). No decorrer do texto, procura explicar e descrever as funções, e predomina a discussão da função poética, mostrando como não se pode mais apartar os problemas literários da Linguística.

À pagina 125 (1974), o autor faz uma referência ao texto “Die Axiomatik der Sprachwissenschaft” (1933), de Karl Bühler⁴ e comenta:

O modelo tradicional da linguagem, tal como o elucidou Bühler particularmente, confinava-se a essas três funções – emotiva, conativa e referencial – e aos três ápices desse modelo – a primeira pessoa, o remetente; a segunda pessoa, o destinatário; e a ‘terceira pessoa’ propriamente dita, alguém ou algo de que se fala”. (JAKOBSON, 1974:125-6).

Na missão de definir e localizar a “função poética” dentro do espectro das análises linguísticas, Roman Jakobson ampliou a representação do ato de comunicação verbal tomando por base as propostas do autor alemão referido. A seguir o esquema de Bühler:

⁴ Na publicação de 1934, Bühler definirá três obras como as fundamentais para estabelecer seu ponto de partida: *Prinzipien der Sprachgeschichte* de Hermann Paul (1846 -1921), *Logische Untersuchungen*, de Edmund Husserl (1859 - 1938) e *Cours de linguistique générale* de Ferdinand de Saussure (1857 - 1913). (apud MARIAS, Julian, s/d: 520).

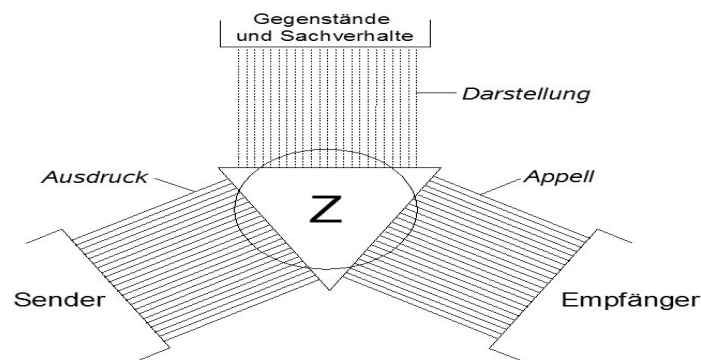


Figura 4 "Modelo organón de linguagem" (1933).

As três primeiras funções descritas por R. Jakobson baseiam-se nas proposições de K. Bühler, “Die Axiomatik der Sprachwissenschaft”, Kant-Studien, XXXVIII (Berlim, 1933), pp. 19-90. Há ainda uma publicação de 1934 que apresenta o mesmo modelo: *Sprachtheorie. Die Darstellungsfunktion der Sprache*. Jena: Fischer, 1934; (com tradução para o espanhol) traduzido por Julián Marías: *Teoría del lenguaje*, Madrid, Revista de Occidente, 1950.

Os elementos do esquema de Bühler⁵ são:

i. *Zeichen* (Signo) ao centro, como mediador que todas as relações; ii. *Gegenstände und Sachverhalte* (Objetos e Fatos do Mundo) acima, seria a fonte/origem do que se propõe a enunciar. É a “função representativa”; iii. *Sender* (Emissor) à esquerda, corresponde àquele que “primeiramente” fala. É a “função expressiva”; iv. *Empfänger* (Receptor) à direita, a quem se transmite a fala. É a “função apelativa”.

Assim, temos que o Signo é a representação dos objetos e fatos do mundo⁶, representação criada pela faculdade humana da linguagem. Através das representações pode-se falar dos objetos e fatos sem os possuir em-si, transmitindo o que se pensa/sente ao outro.

Numa versão livre em português, poderíamos ter a seguinte imagem:

⁵ A imagem do Modelo de Bühler foi retirada do site <http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Organon-Modell-corr.png>. Também consultamos um breve resumo escrito por Alberto Bustos, professor da Universidad de Extremadura/Espanha, no endereço eletrônico <http://blog.lengua-e.com/2011/las-funciones-del-lenguaje-de-buhler/>. Outra leitura foi o texto “Karl Bühler y La teoría Del lenguaje”, Julian Marías. Colección Ensayos.Fundación Juan March (Madrid), s/d. Segundo Julian Marías, a função representativa é o cerne da teoria de Bühler, ainda que haja outras, é ela que confere à linguagem seu caráter estritamente linguístico (p.519).

⁶ A configuração do “organón” de Bühler, nos lembra em grande medida as proposições de Wittgenstein (1889-1951) em seu “Tractatus Logico-Philosophicus” (2010[1921]): “2.04 A totalidade dos estados existentes de coisas é o mundo” (p.141); “2.063 A realidade total é o mundo” (p.143); “3 A figuração lógica dos fatos é o pensamento” (p.147); “4.002 (...)A linguagem é um traje que disfarça o pensamento. E, na verdade, de um modo tal que não se pode inferir, da forma exterior do traje, a forma do pensamento trajado; isso porque a forma exterior do traje foi constituída segundo fins inteiramente diferentes de tornar reconhecível a forma do corpo”. (p.165).

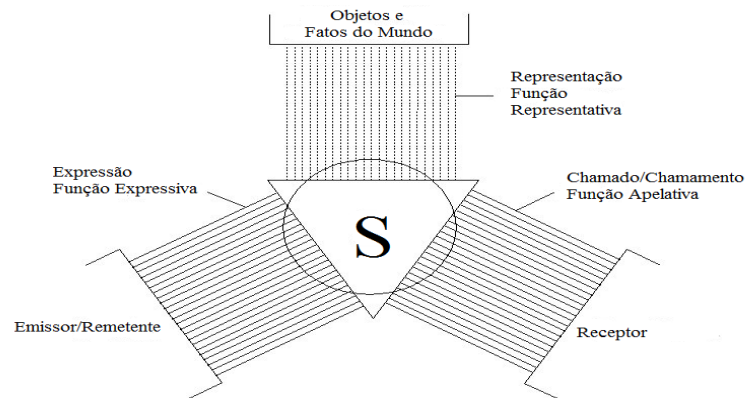


Figura 5 "Modelo organon de linguagem" (tradução nossa)

Outra referência a esquemas comunicativos encontrada em Roman Jakobson, localiza-se no texto “Linguística e Teoria da Comunicação”, de 1961, no qual o referido discute a relação entre a Linguística e a “teoria matemática da comunicação” ou “teoria da informação”, cujos pesquisadores são chamados de engenheiros por Jakobson.

A aproximação entre os dois campos, que dão título ao texto de 1961, se dá principalmente na constituição dos “traços distintivos”. Segundo o autor, o princípio dicotômico, descoberto pela Linguística, é corroborado pelos engenheiros da comunicação, que empregam “*signos binários (binary digits, ou bits, para usar a ‘palavra-valise’)* como uma unidade de medida” (JAKOBSON, 1974: 74).

Ao encerrar o texto, fica o apontamento da influencia mútua dos dois campos “*existe um vasto conjunto de questões que reclamam a cooperação das duas disciplinas distintas e independentes de que se trata aqui. As primeiras etapas percorridas nesse sentido revelaram-se auspiciosas*” (ibidem: 85). Uma mostra de tal cooperação talvez possa se expressar na proximidade entre o sistema apresentado por Claude E. Shannon em 1948:

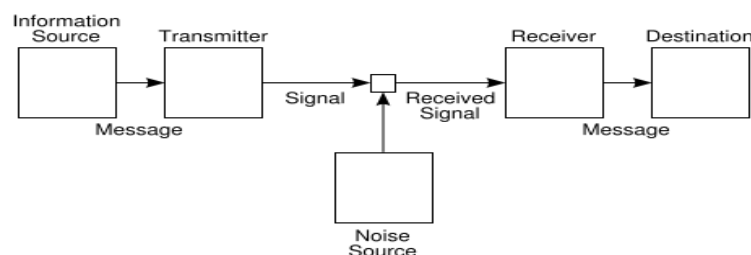


Figura 6 "Diagrama esquemático do sistema de comunicação geral", 1948 (SHANNON, 1948: 381)

O esquema acima foi publicado no texto "A Mathematical Theory of Communication". *Bell System Technical Journal* 27 (3): 379–423(July/October 1948). O autor o descreve como formado por cinco partes essenciais:



i. *Information source* (fonte de informação), produtora de uma mensagem, como uma sequência de letras em um telégrafo, ou como as ondas sonoras; ii. *Transmitter* (transmissor/codificador), que opera na mensagem para transmitir um sinal adequado. Em telefonia, por exemplo, tal “operação consiste apenas em mudar de pressão sonora (ondas sonoras) para corrente elétrica proporcional” (SHANNON, 1948: 381); iii. *Channel* (canal), o meio para transmissão do sinal; iv. *Receiver* (receptor/decodificador), responsável pela operação inversa do *transmitter*, tomando o mesmo exemplo, transformaria, agora, a corrente elétrica em “pressão sonora”; v. *Destination* (destinatário), por fim, a pessoa ou coisa a que(m) se intenciona enviar a mensagem.

Ainda no texto de Shannon, são considerados eventuais problemas para comunicação, como o ruído (*noise*), e estabelece fórmulas matemáticas capazes de calculá-lo para uma possível correção dentro de um número limitado de mensagens (“probabilidades de combinação”). O esquema acima aparece, após inúmeras fórmulas matemáticas com a inserção de um “observador” capaz de fazer a correção do dado/mensagem/informação.

Nesse mesmo sentido, encontramos apontamentos no texto de Jakobson ressaltando a importância de contribuições da teoria da comunicação para a Linguística no que se refere ao estudo da recepção verbal. Outro ponto assinalado pelo mesmo autor é o perigo de se tentar construir “*um modelo da linguagem sem relação alguma com quem fale ou ouça, e de hipostasiar assim um código desligado da comunicação efetiva, ameaçam reduzir a linguagem a uma ficção escolástica*” (JAKOBSON, 1974: 82).

Vejamos no próximo tópico, em que medida tal problematização interferiu (direta ou indiretamente) na constituição de outro modelo, atravessado por aspectos históricos e materialistas.

4. Michel Pêcheux

Publicado em 1969, o texto “Análise Automática do Discurso” é o fundamental para chamada AD de linha francesa, no qual Pêcheux procura indicar o local ocupado por esta área e suas tarefas. Partindo das reflexões do *Curso de Linguística Geral*, o autor francês procura mostrar que as definições/construções saussurianas traçam limites para a apreensão do que é Análise Linguística, ou seja, “a língua deve ser pensada como sistema” (PÊCHEUX, 1993[1969]: 62), assim torna-se possível descrever “sua funcionalidade”.



Ao deslocar o estudo da linguagem para o sistema, afirma Pêcheux, a Linguística deixa descoberto aquilo do que ela quer se diferenciar/distanciar: o texto – o que diz o texto, quais significados contém, quais relações há com outros textos? A estas interrogações (e às possíveis respostas), o autor atribuirá papel à Análise de Conteúdo e, às vezes, à Análise de texto.

Delimitando essas áreas, o autor deixa (trans)parecer descoberto o que seria a Análise do Discurso, cuja definição se encontra permeando todo texto. Vale aqui uma passagem: “é impossível analisar um discurso como um texto, isto é, como uma sequência linguística fechada sobre si mesma, mas que é necessário referi-lo ao conjunto de discursos possíveis a partir de um estado definido das condições de produção” (PÊCHEUX, 1993[1969]: 79).

Para definir os elementos pertencentes às condições de produção, Pêcheux recorre aos esquemas comunicativos. Cita uma passagem do texto “Linguística e Poética” de Roman Jakobson. Tal passagem trata exatamente dos elementos do modelo proposto pelo autor russo, que na sequência apresenta seu esquema de “ato de comunicação verbal”. No texto do autor francês o procedimento é análogo, após a descrição/citação, apresenta também um esquema, contudo trata-se de um “rearranjo” da representação esquemática de Jakobson.

Vejamos:

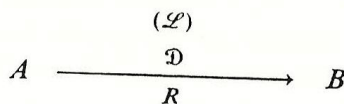


Figura 7 "Esquema comunicativo, 1969". (PÊCHEUX, 1993[1969]: 81).

Antes de passar ao cotejo, recuperando a *figura 3* de nosso texto, indiquemos a nomeação dos elementos tal qual está em Pêcheux:

- i. A: o “destinador”,
- ii. B: o “destinatário”,
- iii. R: o “referente”,
- iv. (L): o código linguístico comum a A e a B,
- v. : o “contacto” estabelecido entre A e B,
- vi. D: a sequência verbal emitida por A em direção a B. (idem: 82).

Abaixo reproduzimos o esquema de Jakobson publicado pela primeira vez. Este esquema não consta na edição do texto de Michel Pêcheux, mas ele explicita a “subjacência”.

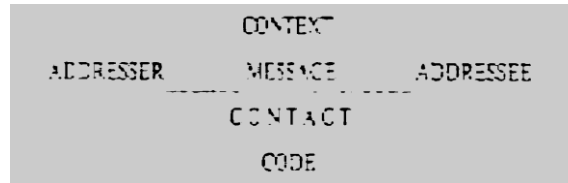


Figura 8 "Modelo original publicado em 1960, versão escaneada da p.353"

O autor francês faz a seguinte consideração:

Observemos que, a propósito de “D”, a teoria da informação, subjacente a este esquema, leva a falar de *mensagem* como transmissão de informação: o que dissemos precedentemente nos faz preferir aqui o termo *discurso*, que implica que não se trata necessariamente de uma transmissão de informação entre A e B mas, de modo mais geral, de um “efeito de sentido” entre os pontos A e B. (PÊCHEUX, 1993[1969]: 82).

Pêcheux toma, então, como base o que Jakobson sistematizou a partir do desenvolvimento de outros esquemas e imprime aquilo que considera mais adequado tendo em vista as propostas da AD. É preciso acrescentar ainda algumas trocas de posição. O “contexto” aparece na posição superior em J., já em P. ocupa a posição inferior, como se ali estivesse a “base material” (retomando Bühler, “os objetos e coisas do mundo”); na representação de Pêcheux, o que “paira” sobre o ato comunicativo é o código (a língua, “o sistema” de Saussure).

5. Bernard Pottier

O próximo autor também é francês e, dos apresentados aqui, o único ainda vivo. Pottier se vincula aos estudos semânticos e é um nome importante no que se refere ao estudo da “modalização do discurso”⁷ (recursos linguísticos utilizados pelo enunciador para marcar seu posicionamento no texto: certeza, dúvida, necessidade etc).

Na primeira parte de seu livro *Linguistique Générale* (1985), o autor apresenta sua proposta de sistema de comunicação, está no capítulo 1 nomeado de “*La communication linguistique*”. O livro é uma extensa discussão e descrição que procura tratar dos diversos

⁷ Para não ficarmos no erro crasso, vale indicar também A. J. Greimas e J. Courtés como referência de estudos sobre modalização, porém vinculados à Semiótica.



aspectos linguísticos, desde o sistema, passando pela análise fonológica, pela semântica e chegando às relações significado e significante.

Quanto ao esquema de comunicação, de início apresenta a figura ao definir que a comunicação linguística é “essencialmente a troca de mensagem entre, pelo menos, dois interlocutores”⁸ (POTTIER, 1985: 21).

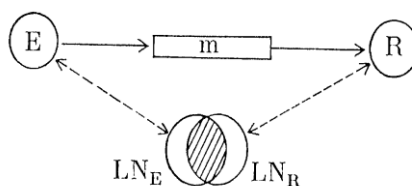


Figura 9 "Esquema de comunicação", 1985. (POTTIER, 1985:21).

Encontramos acima os seguintes elementos:

- i. E: *émetteur* (emissor);
- ii. R: *recepteur* (receptor);
- iii. m: *message* (mensagem);
- iii. LN_E: *langue naturelle de E* (língua natural do emissor);
- iv. LN_R: *langue naturelle de R* (língua natural do receptor).

Além desses elementos, podemos incluir a região hachurada, como sendo aquela na qual o conhecimento linguístico é compartilhado e, por isso, sem a necessidade de tradução, a comunicação acontece.

O esquema acima será apresentado ainda por Pottier destacando ou complementando algumas partes. Antes, o autor introduz o conceito de “*conceptualisation*” (não apresentado de forma explícita nos modelos vistos anteriormente), cujo processo se dá por uma seleção e de elementos da realidade (ou do imaginário) realizada pelo emissor para compor a mensagem.

L'émetteur doit en faire une saisie mentale pour sélectionner un certain nombre d'éléments de La perception: tout ce qui est imaginé ou perçu n'est pas dit. C'est Le phénomène fondamental de La conceptualisation, ou rédaction sélective de La référence (POTTIER, 1995: 21).

A “*conceptualisation*” funcionaria como um mecanismo de “decodificação/codificação”, fazendo com que o sistema se aproxime mais de um conceito de

⁸ Tradução livre.



língua (arriscaríamos aqui nomear já de “discurso”) não “representativa”, ou seja, a palavra não é o objeto que ela nomeia e, não necessariamente, irá transparecê-lo. Aceita-se, quase como constitutivo “a falha”, a ambiguidade, a subjetividade, dado que a seleção dos elementos da realidade ou do imaginário se dão a princípio pela percepção.

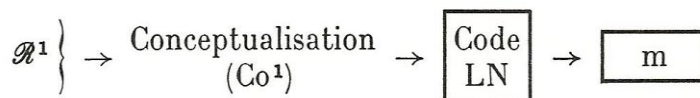


Figura 10 "Esquema da 'conceptualisation' do emissor", 1985. (POTTIER, 1985: 22).

Nota-se aqui a introdução dos elementos \mathcal{R} (referente) e Co^1 (“conceptualisation”), a passagem desta percepção para a língua e, em seguida, a mensagem. Abaixo veremos a chegada na outra ponta.

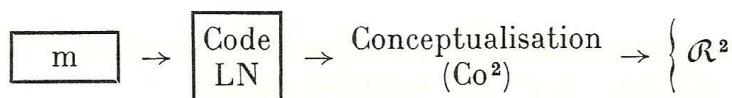


Figura 11 "Esquema da 'conceptualisation' do receptor", 1985. (POTTIER, 1985: 22).

É importante destacar que o receptor realiza um novo processo de “conceptualisation”, cuja referência também é outra. Assim, o esquema completo ficaria como abaixo:

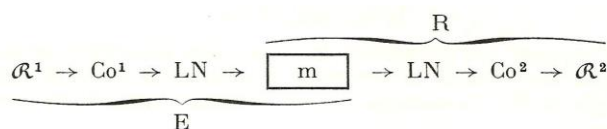


Figura 12 "Esquema de base da comunicação linguística", 1985. (POTTIER, 1985: 22).

Ainda nesse capítulo, Pottier destaca a participação de outros fatores na comunicação como a performance (a ação), a competência (saber e poder, manifestado na performance), o contexto e a situação de comunicação. Uma mensagem estaria, então, sobre a influência, ou melhor, seria constituída por tais condições e ela, em-si, apresentaria uma parte explícita e outra implícita.

6. Outras considerações

À medida que fomos apresentando os esquemas/modelos comunicativos, procuramos comentar brevemente alguma relação entre eles. Contudo, neste espaço trataremos de modo mais detalhado as relações.



6.1 Princípio da circularidade

Entendemos como “princípio da circularidade” a propriedade de apresentar nos esquemas o movimento circular da comunicação. Nesse sentido nos parece bem ilustrativas as Figuras 1 e 2, “circuito da fala” de Saussure. A principal indicação visual está na orientação das setas, na primeira do falante A para o B e, depois, do B para o A; na segunda nos fenômenos de fonação e audição.

Outro esquema que também apresenta o mesmo princípio, ainda que menos central, é o de Bühler, figuras 4 e 5. O seu modelo triangular, sem indicação de setas, estabelece uma simetria visual. No entanto, diferente de Saussure, que nomeia os participantes de “falantes”, Bühler marca o emissor e o receptor, supondo assim um sentido.

Evidentemente, todos os modelos poderiam ser invertidos, para que fizessem o percurso “de volta”, mas não há indicação em sua construção.

6.2 Princípio da (de)codificação

O princípio da (de)codificação, para nós, é quando o autor marca em seu modelo a ocorrência de um processo de transposição de uma forma para outra, ou de uma lógica representativa para outra. Encontramos isso em Saussure, na Figura 2, quando indica a passagem do “conceito” para a “imagem acústica”. O primeiro deve tomar forma do segundo (codificar), e a mesma compartilhada pelo outro falante, cuja ação será decodificar e voltar ao conceito.

Também encontramos tal princípio na Figura 6, de Shannon, o qual indica dois elementos específicos para as funções de (de)codificar: *transmitter* e *receiver*, elementos não encontrados no circuito de Saussure, mas nem por isso são processos ignorados por ele.

Em Bühler, no seu Z (zeichen) central – por onde tudo passa – podemos identificar o “aparelho (de)codificador. Os objetos e fatos do mundo “passam” para (e pela) a língua e chegam ao emissor; este, por meio do mesmo código lança a mensagem ao receptor, cuja decodificação o levará os objetos e coisas do mundo.

Talvez um estudo mais detido possa nos contradizer, mas, aparentemente, tais autores esperam que a mensagem que partiu de um lado possa ser decodificada com exatidão na outra ponta. Ainda que Shannon reconheça probabilidade de erro, ele também reconhece a correção,



aceitando a possibilidade de que a mesma mensagem chegue, ainda que passada por um processo corretivo.

6.3 Princípio unidirecional

Já consideramos a possibilidade de inversão do sentido dos modelos apresentados em um no primeiro princípio delineado por nós, sem, contudo, o modelo apresentar tal direção.

Existe, por tanto, uma configuração comum a alguns modelos, nos quais o autor preferiu indicar apenas o caminho de ida, estabelecendo assim um caráter de “atividade” e “passividade” ou “receptividade”, esta com ares de “passiva”. O modelo de Saussure é o único que foge a isso, não só na figura como também na nomenclatura.

Dos que restam, talvez em Pottier possamos falar em “Recep-Atividade”, já que seu conceito de processo de *conceptualisation* acontece em ambos os lados.

6.4 Princípio da falha ou (re)codificação

Por fim, pensamos no princípio da falha (ou (re)codificação), em que a mensagem inicial é diferente da final, não quanto à materialidade linguística ou ao significado, mas sim em relação ao sentido. Este pareceu ser uma importante contribuição de dois autores que se vincularam em alguma medida à Psicanálise. Tal vínculo, talvez, só tenha sido possível num momento em que a Linguística já não devia se pautar ou se colocar frente à Psicologia para demarcar seu espaço enquanto ciência.

Os dois últimos modelos nos parecem exemplares desse princípio. A Figura 7 de Pêcheux, ao colocar o \mathcal{D} no sistema, pressupõe sua teoria do discurso, em que se encontra a definição para discurso como sendo “efeitos de sentido”. Assim, o emissor e o destinatário estabelecem por meio da mensagem “efeitos de sentido”, dependentes da imagem feita de si, por cada um, e do outro.

O modelo de Pottier depende menos de explicações e dá conta em sua representação do princípio da falha. Não à toa, o autor elabora duas representações para o processo de *conceptualisation*, um para o emissor e outra para o receptor, respectivamente as figuras 10 e 11. Nota-se ainda que o processo é marcado de formas diferentes:

$$\mathcal{R}1 - Co1 - LN - M - LN - Co2 - \mathcal{R}2$$



O referencial é marcado de início por 1 e posteriormente por 2. Efetivamente a “referência” de mundo de cada sujeito se conforma de maneira diversa na memória, assim, mesmo sendo a mensagem e a língua iguais, o sentido é outro.

7. Considerações finais

Os princípios propostos acima não são excludentes, não podemos olhar o esquema de Pottier e anular o de Saussure, entendemos que as representações do ato comunicativo mostradas aqui são acumulativas e dialogadas. Como afirma Rorty (2005[1984]) o passo deve ser maior, pois é preciso admitir a ignorância dos antigos sobre assuntos hoje discutidos ou superados, “nossos sucessos recentes” podem representar a correção de erros anteriores. Pra além disso, há outras representações, ainda, que se ordenariam em meio a essas, configurando um desenvolvimento científico mais completo e com maior número de nuances.

Entendemos que ao fazer nosso trabalho, a ambição inicial atingiu pontos mais longínquos que nossa execução, contudo nosso saldo pareceu positivo, se colocarmos sobre a mesa (papel) o que aponta Koerner (1989), quando diz que ao se levantar o desenvolvimento histórico de um campo (no caso o linguístico), o pesquisador perceberia também o caráter de relativa verdade da ciência, implicando a prevenção de atitudes perigosas (excessivas) frente à defesa de teorias.

8. Referências Bibliográficas

- JAKOBSON, R. 1960. “Closing Statements: Linguistics and Poetics”. Em: SEBEOK, Thomas A. **Style In Language**. Massachussetts: Cambridge Massachussetts, MIT Press, pp. 350–377.
- _____. 1974 (1960) “Linguística e poética”. Em: **Linguística e Comunicação**. Trad. De Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 118-162.
- _____. 1974 (1961) “Linguística e Teoria da Comunicação”. Em: **Linguística e Comunicação**. Trad. De Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 73-86.
- KOERNER, Konrad. 1989. “Models in Linguistic Historiography”. In: **Practicing Linguistic Historiography**. Amsterdam: John Benjamins.
- MARIAS, Julian. s/d. “Karl Bühler y La teoria Del lenguaje”. Em: **Colección Ensayos**. Fundación Juan March: Madrid, pp.515-525.



- PÊCHEUX, M. 1993 [1969]. “Análise Automática do Discurso (AAD-69). Em: **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. GADET, F.; HAK, T. (orgs). Trad. Bethania S. Mariani [et AL.]. Campinas: Ed. da Unicamp, 1993.
- POTTIER, B. 1985. “La communication linguistique”. Em: **Linguistique générale: théorie et description**. Paris: Klincksieck, pp.21-25.
- RORTY, Richard. 2005 [1984] “A historiografia da filosofia: quatro gêneros”. Em: **Verdade e Progresso**. Barueri: Manole, pp.305-338.
- SAUSSURE, Ferdinand. 1977 (1916). **Curso de Linguística geral**. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix.
- SHANNON, Claude E. 1948. "A Mathematical Theory of Communication". Em: **Bell System Technical Journal**, v. 27, n. 3, (July/October), 379-423.
- WITTGENSTEIN, Ludowik 2010 [1921]. **Tractatus Logicus Filosoficus**. São Paulo: EDUSP.